

Reconfigurações religiosas como dispositivo de poder no contexto da pandemia por Covid-19: um olhar sócio-histórico a partir da Congregação Cristã no Brasil

Anaxuel F. Silva¹
Carlíjaniele dos Santos²

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i47.70457>

Resumo: A proposta deste artigo é discutir sobre as repercussões da pandemia por Covid-19 nas práticas rituais de membros da Congregação Cristã no Brasil (CCB), residentes em Juazeiro do Norte, interior cearense, nordeste brasileiro. A delimitação temporal da análise (2020-2022), levou em consideração as profundas transformações impostas às práticas rituais da CCB, em virtude da pandemia por Covid-19 e como este contexto histórico pode ser pensado como um dispositivo de poder. Algumas referências a experiências de pesquisas na CCB realizadas antes da pandemia estão presentes no texto para dar sentido e iluminar experiências semelhantes em períodos diferentes. Trata-se de uma pesquisa empírica pautada em uma perspectiva de análise sócio-histórica na qual foram realizadas entrevistas com dezessete pessoas com vínculos distintos com a instituição religiosa em questão. Objetiva-se compreender de que maneira a adoção de cultos online corroborou para ressignificação de perspectivas histórico-religiosa dos membros da CCB. A compreensão é que este dispositivo, composto por um conjunto de elementos dispersos, sem coerência explícita necessária, respondem a uma emergência sanitária global de maneira específica e reconfigura as práticas religiosas nesta denominação cristã. Neste sentido, a experiência analisada da CCB demonstra que a história recente deste grupo religioso é uma ferramenta analítica avessa ao universal, alheia ao atemporal, contudo útil na compreensão sócio-histórica da relação do indivíduo

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2016) e docente em Antropologia da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: anaxsfernando@yahoo.com.br

² Mestra (2023) e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: carlijaniele@hotmail.com

religioso com a sociedade a que pertence em um contexto histórico de emergência sanitária.

Palavras-Chaves: Religião; Covid-19; história

Religious reconfigurations as a device of power in the context of the Covid-19 pandemic: a socio-historical look from the Christian Congregation in Brazil

Abstract: This article is to discuss the repercussions of the Covid-19 pandemic on the ritual practices of members of the Christian Congregation in Brazil (CCB), residents in Juazeiro do Norte, city of Ceará, northeastern Brazil. The temporal delimitation of the analysis (2020-2022) took into account the profound transformations imposed on the ritual practices of the CCB, due to the Covid-19 pandemic and how this historical context can be thought of as a device of power. Some references to research experiments at CCB carried out before the pandemic are present in the text to make sense and illuminate similar experiences at different times. This is an empirical research based on a socio-historical analysis perspective in which interviews were conducted with seventeen people with different links to the religious institution in question. The objective is to understand how the adoption of online cults corroborated the redefinition of historical-religious perspectives of CCB members. The understanding is that this device, composed of a set of dispersed elements, without explicit coherence necessary, responds to a global health emergency in a specific way and reconfigures religious practices in this Christian denomination. In this sense, the experience analyzed by the CCB demonstrates that the recent history of this religious group is an analytical tool averse to the universal, alien to the timeless, yet useful in the socio-historical understanding of the relationship of the religious individual with the society to which he belongs in a historical context of health emergency.

Key Words: Religion; Covid-19; history.

Reconfiguraciones religiosas como dispositivo de poder en el contexto de la pandemia por Covid-19: una mirada socio-histórica de la Congregación Cristiana en Brasil

Resumen: La propuesta de este artículo es discutir sobre las repercusiones de la pandemia por Covid-19 en las prácticas rituales de miembros de la Congregación Cristiana en Brasil (CCB), residentes en Juazeiro do Norte, interior cearense, nordeste brasileño. La delimitación temporal del análisis (2020-2022), tuvo en cuenta las profundas transformaciones impuestas a las prácticas rituales de la CCB, en virtud de la pandemia por Covid-19 y como este contexto histórico puede ser pensado como un dispositivo de poder. Algunas referencias a experiencias de investigación en la CCB realizadas antes de

la pandemia están presentes en el texto para dar sentido e iluminar experiencias similares en períodos diferentes. Se trata de una investigación empírica pautada en una perspectiva de análisis socio-histórico en la que se realizaron entrevistas con diecisiete personas con vínculos distintos con la institución religiosa en cuestión. El objetivo es comprender de qué manera la adopción de cultos online ha corroborado la resignificación de las perspectivas histórico-religiosas de los miembros de la CCB. La comprensión es que este dispositivo, compuesto por un conjunto de elementos dispersos, sin coherencia explícita necesaria, responde a una emergencia sanitaria global de manera específica y reconfigura las prácticas religiosas en esta denominación cristiana. En este sentido, la experiencia analizada de la CCB demuestra que la historia reciente de este grupo religioso es una herramienta analítica opuesta a lo universal, ajena a lo atemporal, pero útil en la comprensión socio-histórica de la relación del individuo religioso con la sociedad a la que pertenece en un contexto histórico de emergencia sanitaria.

Palabras clave: Religión; Covid-19; historia

Recebido em 21/11/2023 - Aprovado em 25/12/2023

Introdução

Este artigo pretende investigar as repercussões da pandemia de COVID-19 nas práticas rituais dos membros da Congregação Cristã no Brasil (CCB) em Juazeiro do Norte, no interior do Ceará, em um período que abrange de 2020 a 2022, por meio de uma abordagem sócio-histórica para compreender como a transição para cultos online afetou as perspectivas religiosas dos membros da CCB. A escolha da Congregação Cristã no Brasil como objeto de estudo é relevante, uma vez que se enquadra como uma igreja evangélica presente em diversos estados brasileiros, considerada a terceira maior³ denominação evangélica no Brasil e a segunda entre as de vertente pentecostal, com 2.289.634 membros. Sabe-se que a pandemia afetou profundamente as práticas religiosas em todo o mundo, e nesse sentido, a pesquisa tem a oportunidade de fornecer *insights* valiosos sobre como uma congregação específica se adaptou às restrições impostas pela pandemia.

No tocante à delimitação temporal, o período de 2020 a 2022 é pertinente, pois permitirá a análise das mudanças que ocorreram nas práticas rituais da CCB ao longo da pandemia, bem como as eventuais reconfigurações ao longo do tempo. O uso do método

³ Fonte: IBGE. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso dia 10/08/2021.

etnográfico, adotado aqui, permite uma imersão profunda na comunidade estudada, o que é essencial para compreender as transformações nas práticas religiosas e as ressignificações das perspectivas histórico-religiosas dos membros da CCB⁴. O contato com pesquisas anteriores relacionadas à CCB permitem contextualizar as mudanças observadas durante a pandemia em relação às práticas rituais, corroborando assim na identificação das especificidades das transformações históricas ocorridas nesse período, assim como entender o impacto da pandemia não apenas nas questões de saúde, mas também nas dimensões culturais, sociais, políticas e religiosas da vida das pessoas.

Anuímos com a ideia de que a religião é um dispositivo de representação cultural (SILVA, 2011). E, nesta direção, entendemos que investigar as crenças religiosas circunscritas em contextos espaciais e temporais precisos permite compreender estratégias e dinâmicas sociais que constituem os grupos religiosos, assim como os parâmetros culturais que incidem nas práticas cotidianas, lugares, relações de poder, processos de hierarquização social e, sobretudo neste caso estudado, nas determinações sociais de saúde.

A pandemia de COVID-19 trouxe à tona questões relacionadas às práticas religiosas e ao isolamento social. Tratando-se do caso brasileiro, tivemos como ponto focal a atuação do ex-presidente Jair Bolsonaro e alguns líderes evangélicos, criticados por se oporem às medidas de isolamento social recomendadas por especialistas em saúde, argumentando que tais medidas prejudicavam as igrejas e a liberdade religiosa. Esse posicionamento gerou controvérsias e debates sobre a gestão da pandemia.

Entender o contexto histórico e social da relação entre Bolsonaro e os evangélicos no Brasil é fundamental para compreender as dinâmicas políticas e sociais durante a pandemia de COVID-19. O relacionamento entre Bolsonaro e o segmento evangélico tem sido uma parte significativa do cenário político no Brasil, na história do presente, haja vista que ele contou com uma base de apoio constituída, em grande medida, por evangélicos desde sua campanha presidencial em 2018 até o fim de seu mandato em 2022.

Se considerarmos que, aproximadamente um terço dos eleitores brasileiros se identifica como evangélico, e Bolsonaro buscou construir uma forte aliança com líderes religiosos e igrejas evangélicas, compreenderemos a força que pautas conservadoras,

⁴ A pesquisa empírica foi desenvolvida nas igrejas da CCB localizadas nos bairros da cidade de Juazeiro - Triângulo, Romeirão e Betolândia em momentos que os cultos foram liberados pelas autoridades sanitárias. Nos períodos de suspensão dos cultos presenciais, realizamos entrevistas, acompanhamos os cultos online, e participamos de encontros religiosos realizadas nas residências do grupo dissidente denominado Nitvano. Os colaboradores da pesquisa foram selecionados a partir da confirmação do vínculo com a CCB e a disponibilidade em colaborar com a investigação.

incluindo posições contra o aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outras, ganharam nesse contexto. Essas afinidades políticas contribuíram para a relação próxima entre o governo e os evangélicos. Ademais, Bolsonaro nomeou vários líderes evangélicos para cargos-chave em seu governo, incluindo ministros e secretários em diversas pastas. Essas nomeações refletiram a influência política dos evangélicos em seu governo.

Vale ressaltar que algumas das posições de Bolsonaro e de alguns líderes evangélicos em relação à pandemia nem sempre estiveram alinhadas. Alguns líderes religiosos considerados mais progressistas apoiaram medidas de distanciamento social, enquanto outros caracterizados como mais conservadores advogaram por uma abordagem mais flexível em relação às medidas de isolamento social. Essa dinâmica complexa revela como questões políticas, religiosas e de saúde pública se entrelaçaram em meio a essa crise sanitária. Neste sentido, concordamos com o argumento de que os aspectos sócio-culturais devem estar articulados às análises epidemiológicas nas tomadas de decisões em emergências sanitárias (SILVA, 2020).

Pandemia por Covid-19 e suas repercussões na vivência religiosa

A retórica política do governo brasileiro em torno da gravidade da Covid-19 apontava para o não reconhecimento público da letalidade da doença que culminaria com a morte de mais de seiscentos milhões⁵ de brasileiros. As posições políticas adotadas pelas autoridades sanitárias deste governo estavam em descompasso com as recomendações dos órgãos internacionais de saúde e priorizavam uma oposição superficial entre saúde e economia.

Michel Foucault, em *História da Sexualidade*, formula o conceito de Biopoder que se refere ao cálculo que o poder faz sobre a vida. Nesse sentido, a vida passa a ser objeto de poder. Como objetivo de sua investigação Foucault procura “mostrar de que modo se articulam dispositivos, de poder diretamente ao corpo a corpo, a funções, a processos fisiológicos, sensações, prazeres” (FOUCAULT, 1988, p. 165). O autor deve-se em conhecer por que certos discursos são legitimados e quais suas repercussões. A partir da elaboração dos conceitos de biopoder e biopolítica, que posteriormente foram utilizados por Mbembe, Foucault vai discorrer sobre os dispositivos de poder que controlam os sujeitos por meio das técnicas utilizadas pelas instituições, e da força que regula as massas. O biopoder se detém na administração da saúde, da alimentação, dos costumes, entre outras, na medida em que essas se tornam pautas políticas.

⁵ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso dia 26.01.2022.

Achille Mbembe por sua vez, em seu ensaio *Necropolitics*, publicado originalmente em 2003, elabora o conceito de necropolítica enquanto uma extensão do conceito de biopolítica desenvolvido por Michel Foucault. Enquanto a biopolítica explora as formas como o poder se exerce sobre a vida e os corpos, a necropolítica focaliza-se na soberania do poder estatal sobre a morte. Neste sentido, a necropolítica refere-se à maneira como certos Estados ou regimes políticos exercem seu poder ao controlar não apenas a vida, mas também a morte. Isso pode ocorrer através de práticas como genocídios, limpezas étnicas, assassinatos em massa, guerras civis e outras formas de violência que resultam em mortes em larga escala como o citado descaso presidencial com a pandemia por Covid-19 e a inclusão das celebrações religiosas na lista de serviços essenciais. A violência na necropolítica é muitas vezes sistêmica, estrutural e direcionada a grupos específicos, com base em características como etnia, religião, classe social ou política.

Neste sentido, ao analisar estudos epidemiológicos⁶ sobre a transmissão por Covid-19, encontramos dados que mostram que o contágio ocorre principalmente por meio de gotículas e contato próximo com pessoas infectadas. Em uma análise de 75.465 casos de Covid-19 na China, 78-85% das aglomerações incidiram entre as pessoas de uma mesma residência, o que nos leva a crer que a transmissão ocorre entre pessoas que mantêm contato próximo por um período de tempo, assim como asseguram os especialistas em epidemiologia que veiculam a necessidade de distanciamento social durante a crise sanitária por Covid-19. As orientações do Ministério da Saúde discorrem sobre os modos de transmissão da doença, entre elas apresentam-se: transmissão por contato direto, gotículas, aerossóis, fômites (contato direto com superfícies contaminadas), fecal-oral, pelo sangue, de mãe para filho e de animal para humanos⁷.

Neste sentido, fez-se necessária a implementação, por parte de todas as instâncias sociais, de procedimentos de adequação aos modelos preconizados pelo Ministério da Saúde. Unidades de saúde orientam funcionários a executar novos procedimentos no atendimento a pacientes que exibem sintomas da Covid-19, como febre, tosse, dor de garganta ou dificuldade de respirar. Na triagem, pacientes são encaminhados para um ambiente de isolamento respiratório, a fim de evitar a circulação e contágio local de outros pacientes. No Comércio, apenas os serviços essenciais permaneceram funcionando, supermercados foram adaptados para receber os clientes

⁶ Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400040. Acesso dia 03.12.2022.

⁷Ver:https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52472/OPASWBRACOV19-1920089_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

em menores quantidades através de monitorização de temperatura, disponibilização de álcool, faixas de orientação quanto ao distanciamento nas filas, entre outras. As escolas passaram a ofertar ensino remoto de forma síncrona e assíncrona. As igrejas também precisaram ser fechadas, as celebrações e reuniões se deram no formato remoto.

O estudo intitulado *“High SARS-CoV-2 Attack Rate Following Exposure at a Choir Practice — Skagit County, Washington, March 2020”*, produzido por Hamner L; Dubbel P; Capron I; et al., ao tratar da transmissão do SARS-COV-2 aponta que em circuitos fechados onde os sujeitos infectados estejam interagindo de forma próxima, como em templos religiosos por exemplo, o risco de elevação dos casos é iminente, devido a configuração dos espaços nos templos religiosos. Os parâmetros para o estudo consideraram uma hora de aglomeração com sujeitos sintomáticos suficiente para proliferação da síndrome. Esse tipo de informação, largamente publicizada nos meios de comunicação de massa, pareceu não afetar alguns membros da Congregação Cristã no Brasil (CCB)⁸ que optaram por continuar se reunindo a despeito das orientações dos organismos globais de saúde. Durante o culto que participamos (ou reunião familiar como foi apresentado pelo dirigente ao final da celebração), observamos muitos participantes sintomáticos, tossindo, e sem nenhuma preocupação com o bem-estar da pessoa que estava próxima a si. Os hinos eram entoados com voz estridente, a fim de compensar a ausência dos membros que estavam congregando em outras localidades e até mesmo os que optaram por manter-se em casa durante o isolamento social.

A possibilidade concreta de disseminação da Covid-19, por meio das gotículas expelidas na hora do canto, absorvidas por meio da inspiração de outros participantes, parecia não incomodar os membros sintomáticos, tão pouco os membros potenciais grupo de risco. Os relatos, durante a testemunhança⁹, em que pediram oração por familiares doentes que não estavam em condições de ir para igreja, corroboraram com essas conclusões sobre a transmissibilidade do vírus durante os cultos, não apenas por meio da saudação com ósculo¹⁰ (muito referida pela cosmovisão nítua como imprescindível), mas também através dos cantares dos hinos sem uso de máscaras.

⁸ Doravante utilizaremos o termo CCB para nos referirmos à Congregação Cristã no Brasil.

⁹ Durante a celebração dos cultos ordinários são reservados entre vinte e trinta minutos para que os membros batizados relatem fatos ocorridos em suas vidas que reconhecem ter sido decorrente da ação divina, como milagres, curas, livramentos, entre outros. Esse testemunho tem como finalidade agradecer a Deus pelas graças alcançadas. Há também a prática de usar esse momento para levar e transmitir saudação de membros de outras localidades.

¹⁰ Consiste na saudação com beijo na face, exclusivamente entre membros do mesmo sexo.

As enfermidades são compreendidas pelo grupo como “espinhos na carne”¹¹ que servem para manter o crente vigilante e congregado, buscando de Deus alívio para o sofrimento carnal. Por mais contagiosas que sejam, a menos que os impossibilite de andar, estarão congregando normalmente. Como referido por um de nossos interlocutores, problemas de saúde pública com doenças contagiosas são recorrentes e ainda assim não repercutiram em mudanças nos cultos.

A nossa questão epistemológica conversa com a experiência religiosa contemporânea, naquilo que se revela nos cultos da CCB e para além deles, no cotidiano do fiel, na dimensão onde habita a ressignificação das práticas rituais e sua relação com o sagrado. O foco desta abordagem, entre outros aspectos, volta-se para a análise das noções de presença e participação online entre membros da CCB, denominação¹² religiosa brasileira que se destaca por sua racionalização do sagrado e valorização de suas tradições, as quais os orientaram, por mais de um século, a se distanciar de práticas mundanas¹³, em especial aos meios de comunicação e mídias sociais, e por conta da pandemia passou a aderir aos mesmos, requerendo de seus adeptos a desconstrução das premissas balizadoras de sua vivência religiosa.

¹¹ Entrevista concedida por Cecília Boaventura no dia 01 de agosto de 2021 em Juazeiro do Norte.

¹² A definição de denominação como a forma específica e histórica que uma igreja toma, conforme Israel Belo de Azevedo (1996), é uma abordagem comum na sociologia da religião. As denominações no contexto do cristianismo representam grupos ou tradições religiosas distintas, com crenças, práticas e organização eclesiástica próprias. Essas denominações muitas vezes surgem a partir de divergências doutrinárias, teológicas ou históricas entre grupos cristãos, resultando em diferentes correntes dentro do cristianismo. A ideia de que as denominações podem assumir valores cristãos como exclusivos é uma característica comum em muitas denominações cristãs. Cada denominação pode acreditar que suas interpretações e práticas religiosas são as mais autênticas e verdadeiras, o que pode levar a diferentes denominações a enfatizarem doutrinas e tradições distintas. Essas diferenças podem ser tanto teológicas quanto práticas, como liturgia, sacramentos e organização eclesiástica. Portanto, no contexto religioso, a noção de denominação descreve um grupo religioso específico que se desenvolveu a partir de uma tradição cristã mais ampla e que se identifica por suas crenças e práticas distintas. Cada denominação pode ver a si mesma como preservando e promovendo os valores cristãos de maneira única e exclusiva.

¹³ Considera-se práticas mundanas, nesse contexto, participação em atividades que direta ou indiretamente seja contrária aos costumes cristãos segundo a cosmovisão do grupo. A saber: celebrações de casamentos, batismos e aniversários de pessoas que não são membros da CCB; quaisquer celebrações de cunho religioso de pessoas de outras igrejas; participação política; frequentar parques aquáticos, bares, boates, shows, estádios de futebol, etc., assistir TV, acessar redes sociais e quaisquer meios de comunicação de massa. Todo o tempo deve ser gasto com trabalho, educação e práticas religiosas.

A proeminência na participação ritual

A centralidade do culto na experiência religiosa dos crentes¹⁴ nos permite identificar o grau de importância que os mesmos atribuem ao ato religioso e à liturgia que o integra (sendo este presencial ou online, com as devidas ressalvas para cada modalidade), visto que a participação é fundamental para a condição de crença e obediência à “palavra de Deus”.¹⁵

Todos os atos ordinários da vida do crente levam em consideração os dias de culto e o horário da celebração em sua congregação. A exemplo disso trago dois casos que me chamaram a atenção. Uma de nossas interlocutoras, vendedora de confeções, divulga suas mercadorias nas redes sociais, as comercializa em sua loja e faz entrega em domicílio, em quaisquer dias da semana, das seis às vinte e duas horas, com exceção dos dias de culto em seu bairro, em que fica indisponível apenas no horário destinado ao culto. Outra de nossas interlocutoras, que trabalha como recepcionista em uma academia, estava disposta a perder seu emprego por ter sido escalada para trabalhar no horário do culto.

Apresentando suas necessidades espirituais ao seu empregador, que é casado com uma mulher pertencente a uma denominação evangélica, e por ser uma funcionária dedicada, conseguiu ser lotada em uma filial onde os horários não coincidem com o horário dos cultos. Esses casos citados demonstram que para o crente, a vida espiritual e as práticas rituais que a materializa precedem a vida carnal/material. Em última instância, caso o crente perca ou abandone seu emprego por colocar como prioridade as práticas religiosas, este espera apoio financeiro da irmandade para não se afastar da igreja. O culto assume um papel que vai além da simples prática ritual, ele se configura como vida em ação.

Os casamentos entre membros da CCB também seguem a mesma lógica. São realizados, em sua maioria, nas sextas-feiras ou sábados (dependendo da congregação) quando os membros não estariam congregados, possibilitando, inclusive, a participação dos anciãos e cooperadores na oração do casamento, tendo em vista sua atuação enquanto líderes religiosos responsáveis pela liturgia realizada nas igrejas, o que os impossibilitaria de participar de duas cerimônias ao mesmo tempo, já que não são realizadas cerimônias de casamento nas igrejas da CCB. Durante o dia a dia, nas tarefas rotineiras os crentes se preparam para estar congregados à noite. Oram pela manhã ao

¹⁴ Os membros da CCB se auto-denominam crentes, servos de Deus, evangélicos e/ou irmãos.

¹⁵ Corresponde à junção do texto bíblico à interpretação do pregador que, entende-se, estar sendo usado pelo próprio Deus no momento da exortação da palavra (leitura e explicação de passagem bíblica)

acordar, oram antes das refeições, escutam e/ou cantam hinos quando estão em casa, visitam e são visitados pelos irmãos em Cristo para orar, cantar, profetizar e proferir testemunhos sobre as obras que Deus fez em suas vidas. Todavia, todas as ações que realizam em suas residências são compreendidas como uma preparação para entrar na casa de Deus.

A reverência com que tratam o templo é notória, considerando-o casa do Senhor. Depois de cumprir os rituais acima expostos que os preparam espiritualmente para adentrar à igreja, o fiel passa a preparar o corpo para apresentar-se diante de Deus e de seus irmãos em Cristo, separando seus melhores trajes para usá-los. No caso das mulheres, vestem-se com saias ou vestidos longos, saltos altos (com exceção das mulheres idosas) preparam suas bolsas com véu, bíblia e hinário, soltam seus longos cabelos, exibindo-os como um troféu exclusivo das santas servas de Deus. Quanto mais cumpridos os cabelos, mais prestígio esta mulher adquire nesse contexto. Pude observar que mulheres negras se apresentavam na igreja com cabelos alisados, sem corte e soltos.

No caso dos homens, a preparação é semelhante, escolhem seu terno, barbeiam-se diariamente como orientado pelas lideranças eclesiais, colocam em suas bolsas o hinário e a bíblia e seguem para os cultos acompanhados de seus familiares. Desfilam pelas ruas em direção à igreja chamando a atenção das pessoas de outras religiões que se questionam sobre as condições financeiras dos crentes. “Antes de eu entrar na igreja eu não entendia o que esses crentes faziam lá, porque mal entram na igreja já ficam ricos, andam tudo nos panos, com uma roupa diferente todo dia (risos), e fui pra igreja nessa intenção viu (...)”¹⁶. As crianças são ensinadas a ficar sentadas, em silêncio dentro da igreja, desde os primeiros dias que começam a frequentá-la. Por meio da imitação aprendem a seguir os rituais que seus pais executam. As meninas acompanham a mãe e sentam-se ao seu lado no espaço destinado às mulheres, da mesma forma, os meninos acompanham seu pai, sentam-se no espaço apropriado para sua função e observam o seu comportamento de forma que venham a reproduzir as práticas.

É interessante observar que, de acordo com PIERUCCI & PRANDI (1995); MONTERO & ALMEIDA, (2000) NOVAES (2001), os fiéis evangélicos, especialmente os pertencentes a denominações pentecostais, muitas vezes provêm de setores socioeconômicos desprivilegiados em termos de renda e nível de escolaridade. No entanto, essa característica não é exclusiva do segmento evangélico, e há consideráveis similaridades nesse perfil com os adeptos das religiões católica e afro-brasileiras (como candomblé e umbanda). Essas semelhanças socioeconômicas podem levar a uma

¹⁶ Entrevista concedida por Elisiane do Nascimento Ribeiro em Juazeiro do Norte no dia 05 de julho de 2021.

compreensão de que eventuais diferenças nas opiniões, atitudes ou comportamentos entre esses grupos religiosos não podem ser explicadas apenas com base na renda e escolaridade. É importante reconhecer que outros fatores podem influenciar as crenças e práticas religiosas e a forma como os fiéis se envolvem com sua fé.

Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, livro escrito pelo sociólogo alemão Max Weber, publicado pela primeira vez em 1905, Weber explora a influência do protestantismo, especialmente o calvinismo, sobre o desenvolvimento do capitalismo na Europa. Ele argumenta que certas características do protestantismo, como a ênfase na ética do trabalho árduo, da disciplina, da poupança e da busca de sucesso econômico, contribuíram para criar as bases do capitalismo moderno. É interessante observar que o ethos protestante delineado por Weber tem algumas conexões com o crescimento econômico observado em certos grupos evangélicos. No entanto, é importante notar que a relação é complexa e que não se aplica de maneira uniforme a todos os evangélicos.

O grupo pesquisado apresenta forte mobilização em direção ao empreendedorismo, enfatizam a ética do trabalho árduo, da prosperidade e do sucesso como parte de sua doutrina. Essa ênfase associada ao empreendedorismo promove uma pequena ascensão socioeconômica, que pode ser lida por observadores externos como um enriquecimento explícito, devido ao uso cotidiano de trajes frequentemente usados pelas elites e/ou em ocasiões festivas (ternos, vestidos longos, etc.).

Ao entrar na igreja, o fiel saúda os membros presentes com ósculo, dirige-se até o porteiro para pedir oração por causas (diversas), viagens, acidentados, família, tribulação e/ou testemunhados, se deslocando em seguida para o banco e, ajoelhando-se faz uma oração individual em silêncio. Ao término desta oração senta-se permanecendo em silêncio até o início do culto. A igreja é aberta pelo porteiro trinta minutos antes do início dos cultos. Os momentos que antecedem o início do culto são preenchidos com orações, pedidos de orações, três hinos da meia hora tocados em solo pela organista e o hino de silêncio tocado por toda a orquestra.

Para os membros que se consideram crentes fiéis, a ida à igreja deve ocorrer três vezes na semana, com o objetivo de ser alimentado pela palavra e receber força celestial para prosseguir a luta contra o mal que o cerca. De acordo com Erivan: “Nós vamos lá buscar um conversar com Deus mais íntimo onde todos que estão ali congregados representam um só corpo, ali vivemos essa intimidade onde um ou dois ou três busca a Deus em oração a favor de todos que estão ali presentes”¹⁷.

¹⁷ Entrevista concedida por Erivan Pereira Santana em Juazeiro do Norte no dia 13 de setembro de 2021.

A oração coletiva objetiva promover, nesse universo simbólico, a solidariedade social, fortalecer os fracos na fé, modelar os novos membros de forma que estes reinterpretem suas experiências vividas com uma nova compreensão espiritual e valorizar as ações dos fiéis. Neste sentido, é através da participação no culto que os membros consideram adquirir prestígio diante dos demais e, principalmente, diante de Deus. Nesta perspectiva, compreendem que é preciso muito mais que ser chamado, é preciso sentir-se usado por Deus.

Nesse universo simbólico, ser usado por Deus corresponde à manifestação dos dons do Espírito Santo, segundo eles verdadeiramente presentes na CCB, compreendida como a graça do filho de Deus. A palavra graça corresponde no grego a *charis* que significa “favor imerecido”. O substantivo grego *charisma*, que significa “dom”, é cognato do substantivo *graça*.

Logo, os dons são percebidos enquanto favores de Deus dados aos homens, apesar destes não serem merecedores, em outras palavras, os dons do Espírito Santo são vistos enquanto dádivas dadas por Deus somente às pessoas que foram alcançadas pela verdadeira Graça. Desse modo, novamente é endossado o aspecto sectarista e monopolizador da salvação. Como exemplos, é possível identificar o dom da profecia, da oração, da visão, da cura, da caridade, do amor, e o que mais se busca, o dom de línguas (*glossolalia*).¹⁸ Apresento a seguir a descrição de um culto de busca de dons, realizado na CCB antes da pandemia.

Busca de dons

Era domingo à noite em Juazeiro do Norte quando as pessoas chegavam à congregação central, provenientes de diversas localidades: Barbalha, Barro, Caririáçu, Crato, Farias Brito, Jardim, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, inclusive de fora da região do Cariri. Tratava-se de um culto especial, que ocorre geralmente uma vez por ano em cada cidade. Neste, existe uma preparação anterior que se assemelha à preparação para participação da Santa Ceia, só que com um diferencial, a busca de sentir-se usado pelo Espírito Santo. É um culto de busca de dons, mas que, apesar de se tratar de diversos dons, o que se busca de fato, é o dom de línguas, dado ao fato de ser compreendido como o “selo da promessa”, uma espécie de segundo batismo, descrito no livro de Mateus, capítulo 3, versículo 11, “ele vos batizará com o Espírito Santo e com

¹⁸ Trata-se da suposta capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso, como no dia de Pentecostes. Nos termos de Michel de Certeau, *glossolalia* seria “uma classe de comportamentos linguísticos desviantes relacionados caracterizados pelo discurso que é fluido e móvel, divisível em unidades fonêmicas e inteiramente ou quase inteiramente constituído por neologismo” (2016, p. 29) [tradução nossa].

fogo", e neste sentido, promove a elevação do prestígio social do membro dentro do grupo.

A igreja lota muito antes do início do culto, devido ao grande número de pessoas de cidades vizinhas, somadas ao número de membros de Juazeiro. Bancos que normalmente comportam oito pessoas passam a acomodar doze ou mais. Quanto mais próximos, maior a comunhão.¹⁹ O contato corporal é iminente nesses ajuntamentos que muito se assemelham às visitas domiciliares (com exceção do protagonismo feminino), onde o cuidado com o barulho é desconsiderado.

Em rituais celebrados dentro da igreja, e outros considerados oficiais, como unções, funerais, batismos especiais, entre outros, as mulheres assumem uma posição subalterna²⁰, não podendo ocupar posições de liderança, sendo orientadas a permanecer em silêncio. A relação entre as mulheres e a religião reflete uma questão importante e historicamente observada na sociedade, especialmente nas tradições religiosas influenciadas pelo cristianismo. A moralidade cristã tradicional estabeleceu certos modelos de comportamento e representações das mulheres, o que pode restringir suas possibilidades e perpetuar estereótipos de gênero. As características tradicionalmente associadas ao "ideal" feminino, como ser pacífica, equilibrada, dócil, sincera e reservada, têm raízes na interpretação de textos religiosos, bem como na tradição patriarcal que influenciou muitas religiões e sobretudo igrejas com perfil da CCB. Essas características podem ter sido usadas para justificar a subordinação das mulheres em muitos aspectos da sociedade, incluindo o doméstico. Michelle Perrot traz considerações importantes sobre a exclusão histórica imposta às mulheres nas religiões monoteístas, a autora compreende que “os vínculos entre mulheres e religião são antigos, poderosos e ambivalentes. E nessa relação sujeição e liberação, opressão e poder aparecem imbricados de maneira quase indissolúvel” (PERROT, 2005, p. 271).

Dada às restrições impostas às mulheres nesse contexto, a presidência do culto fica restrito aos homens e, quando se trata de uma busca de dons, a restrição se amplia, sendo permitida apenas à anciãs. Geralmente, por se tratar de um evento anual, quem atende o culto nestas ocasiões, são anciãs de outros municípios e até de outros estados.

¹⁹ Esse termo representa para o grupo um estado de harmonia com a irmandade e obediência aos preceitos religiosos.

²⁰ Por se tratar de um grupo religioso que tem como premissa o texto bíblico inscrito em primeiro Coríntios, capítulo 11 versículo 3: “Quero porém, que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, o homem a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo”, enfatizam a superioridade do homem sobre a mulher e a devida submissão que esta deve ao seu esposo. Neste sentido, a mulher é impedida de exercer autoridade sobre o homem, não podendo exercer cargos de liderança na

O irmão encarregado de presidir o culto naquela noite o iniciou comunicando de imediato aos presentes que aquele era um culto especial de busca de dons. A orientação é para que não sejam convidadas pessoas de outras denominações, a fim de evitar que os convidados que não conhecem a manifestação da glossolalia sendo expressa sem restrições, de forma livre, estranhem, e comparando, assemelhe a CCB a outras igrejas pentecostais²¹. Restringe-se, portanto, ações consideradas pelo grupo como desordeiras (se acontecerem em cultos ordinários), ou seja, a presença intensificada da suposta oração em línguas estranhas, pode causar escândalos para a igreja, se presenciada por visitantes. O andamento do culto segue igual ao culto de louvores e adoração, sendo que a testemunhança é reservada apenas aos irmãos convidados do ministério de outras localidades. Foi comunicado à irmandade que não se tratava de uma ordem, mas pediu-se que a irmandade fosse educada e deixasse a testemunhança para os irmãos visitantes.

Os hinos que foram chamados versavam sobre dons do Espírito Santo, com o intuito de corroborar com a efervescência coletiva pretendida naquela ocasião. Depois da palavra, no momento da oração final, quando a irmandade se ajoelha, percebe-se um diferencial com relação ao tom das vozes. Esse é o momento em que, de acordo com a narrativa local, Deus derrama os dons. Essa oração é feita por um irmão do ministério. Pouco se ouve da oração, mesmo sendo essa feita com o auxílio de um microfone, em virtude da glossolalia intensa na igreja. Esse momento da oração é diferenciado, é estendido por aproximadamente vinte minutos entre o tempo em que o irmão ora e o tempo que fica entre o amém da irmandade.

Depois da oração, o dirigente do culto diz: “Deus seja louvado”, momento em que as pessoas se levantam da oração, muitos movimentam os corpos, utilizando-se de linguagem corporal para demonstrar a visitação do Espírito Santo. Entre os movimentos citados, presenciamos sapateados, abraços com movimentação para os lados, balançando as cabeças, outros pulam, batem palmas, gritam, entre outros. A igreja se torna, nesta ocasião, um local de liberdade, já que neste culto, especificamente, o ministério dá a liberdade à irmandade para manifestarem aquilo que eles sentem da parte de Deus. Pedro Argemiro, membro da CCB desde sua infância, hoje com 53 anos, servidor público, graduado, conta-nos sobre sua percepção sobre a busca de dons e seus frequentadores:

igreja ou fazer a liturgia da palavra, o que é possível para qualquer membro do sexo masculino, mesmo que não possua cargos na igreja.

²¹ A CCB é caracterizada pelas Ciências Sociais como uma igreja pentecostal, entretanto, seus membros enfatizam, em seus discursos, a distinção entre a CCB e outras igrejas pentecostais, no controle da manifestação da glossolalia no tocante à intensidade da voz e na quantidade de manifestações, assim como no controle da expressividade corporal com o intuito de não provocar escândalos.

Existe um ritual e uma informação antecipada sobre o culto de busca de dom. Os locais de culto se enchem e muitos simplórios buscam o dom de línguas porque é um dom visto. É um dom que, por falta de entendimento quer mostrar pro outro, se esquecendo do que diz a bíblia porque ela diz que o dom de línguas é um dom pra mostrar pros infieis que naquele local de culto existe Deus. Mas aquele que fala em línguas deve falar consigo mesmo, porque o outro que está vendo aquilo não vai entender, então só deve se falar alto se houver intérprete. Por isso que no final do culto, quando é feita a busca de dom, começa a barulheira, porque é levado pelo sentimento, muitos imitam aquilo que foi ouvido em outros cultos e até mesmo nesse culto. Aumentam o tom de voz, fazem aquele barulho, pronunciam duas ou três palavras e imitam isso ali. Muitos saem tristes porque não sentiram nada e ficam frustrados. Outros que se manifestaram na simplicidade acreditando que Deus lhe deu o dom de línguas saem felizes. Outros fazem de propósito, sabem que não receberam dom nenhum, talvez seja por uma patologia mental onde eu não sei explicar o porquê eles agem dessa forma de saberem que Deus não lhe deu o dom e eles imitam o dom para serem vistos pela irmandade como pessoas de Deus para talvez futuramente ganhar algo material dos simples que frequentam a igreja. Eu creio sim que existe o dom, mas Deus dá na hora que ele quer e em qualquer lugar.²²

Paul Freston (1994), em seu artigo intitulado: *Breve história do pentecostalismo brasileiro*, aponta a CCB como protagonista na definição do pentecostalismo no Brasil. O autor classifica o pentecostalismo em três categorias distintas, a saber: a) *Pentecostalismo de Primeira Onda*, também conhecido como pentecostalismo clássico, que compreendeu o período de 1910 a 1950 e teve sua gênese com sua implantação no país, decorrente da fundação da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleias de Deus até sua propagação pelo território nacional; b) *Pentecostalismo de Segunda Onda*, que se inicia nos anos 1950 e

início de 1960, devido a fragmentação do campo pentecostal, a relação com a sociedade se modifica e com isso surgem três grandes grupos (entre outras dezenas de grupos menores), surgem entre eles, a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), O Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962); c) e *Pentecostalismo de Terceira Onda* (categorizados como Neopentecostais).

O Neopentecostalismo é um movimento que surgiu em meados dos anos 1970 e 1980, divergindo do pentecostalismo clássico e das igrejas cristãs tradicionais (Batistas, Presbiteriana, Metodistas, etc.), o neopentecostalismo é considerado um movimento sectário. Os mais representativos grupos dessa corrente são a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, entre outras (p. 70, 71).

A peculiaridade do pentecostalismo habita no poder que ele confere ao fiel enquanto templo e morada do Espírito Santo, essa relação estabelecida entre o ser humano e uma divindade ganha sentidos e significados díspares, dependendo do contexto e da cosmovisão ali construída. O pentecostalismo surge da interpretação bíblica, inscrita em Atos, capítulo 2, versículos 1 a 4, onde Paulo relata o evento de Pentecostes (nessa ocasião, os discípulos foram tocados por “línguas de fogo” e, preenchidos pelo Espírito Santo manifestando linguagens diferentes), e caracteriza-se pelo movimento carismático, evidenciado pelos dons do Espírito Santo. O “falar em línguas” é compreendido nesse contexto como uma das diversas formas de manifestação do Espírito Santo.

Apesar do fato de que as Ciências Sociais classificam a CCB como pentecostal, os seus membros assim como as suas lideranças não se reconhecem nessa categoria, inclusive, repudiando-a como podemos perceber nas palavras de nosso interlocutor, Péricles Porfirio Santana, que declara-se membro da CCB desde 2000. Ali exerce os cargos de evangelista, instrutor musical e músico, é casado e comerciante, atualmente se encontra com 41 anos de idade:

O que eu vejo desde quando eu entrei na igreja é que aqueles que organizam e que querem uma doutrina sã estão constantemente advertindo os membros mais alienados, porque como a igreja tem muitos membros é difícil de você controlá-los e quando alguns grupos se formam pra fazer visitas e que estes dizem que Deus mostrou tal visita, aí nesse ajuntamento acontece o dom do Espírito Santo e é

²² Entrevista concedida por Pedro Argemiro no dia 15 de março de 2022 em Juazeiro do Norte.

nesse sentido que acontece o barulho, o escândalo, que pode até ser justificado na Bíblia. (...) hoje a realidade é diferente da época (...) a gente tem poucos estrangeiros entre nós e na época os estrangeiros precisavam ouvir a palavra na sua língua para que entendessem. Hoje existem muitas pessoas que inventam o dom, porque como eu não entendo o que tu falas, e quem escuta fica sem fruto porque não entende. É como um instrumento que dá um som incerto. Para que haja o entendimento eu tenho que entender o que estão falando. Entendiam na época o que se falava. Hoje o dom de línguas aparece mais como uma questão de status, querem aparecer, mas é como estou te dizendo **a Congregação não se vê como parte do pentecostalismo**. O que existe são casos isolados de membros que não leem tais ensinamentos de ficar calados e falar consigo mesmo e por isso **são chamados de pentecostais, nós não devemos nos assemelhar a tais igrejas** e sim seguir os escritos bíblicos. O dom existe só que é um dom e quem tem o dom deve falar consigo mesmo e ficar em silêncio. (...) Devemos buscar o dom da caridade, do conselho, do entendimento, da fortaleza, da sabedoria, da piedade, da ciência e do temor a Deus, esses dons são até esquecidos, porque são dons que não são vistos, principalmente o da caridade que você tem que dar com uma mão sem que a outra veja, por isso digo que eles buscam status, e como eu já disse é onde aparece a mentira, inventam línguas. O canta alaiá eu mesmo já inventei quando um irmão chegou na minha casa dizendo que Deus tinha mandado ele lá. Ele me perguntou se eu era selado, selado é se eu já tinha recebido o dom do Espírito Santo, e eu falei que Deus tinha me dado alguns dons, mas não especifiquei o dom de línguas, aí ele disse: ah! então Deus me enviou para que através de mim, tu recebesse o dom do Espírito Santo. Aí, geralmente quem chama pra oração é o dono da casa, mas nesse dia ele pulou essa etapa e ele disse que a gente ia buscar a Deus em oração e Deus ia me selar com evidências de línguas estranhas, Deus ia me selar! Eu

não me senti à vontade, mas tentei ser educado com ele e fiz o que ele pediu, fomos orar a Deus e ele orou e eu fiquei esperando o Espírito descer e eu começar a falar em línguas, o que não aconteceu. A oração demorou e na sua fala orando ele dizia que Deus ia descer com Espírito Santo e com a voz alta pedia que Deus descesse com sua presença e selasse seu servo, no caso eu. Eu não sei se porque, eu estava envergonhado por causa do tom de voz dele que mais parecia gritos e como meus vizinhos não eram crentes, eu estava com medo deles se escandalizarem, eu não estava em comunhão como é dito em você estar em harmonia com Deus, minha vontade era que terminasse logo e ele fosse embora, então foi uma oração demorada e ele terminou a oração com as palavras Deus seja louvado, nos levantamos, e parece que ele notou que eu estava sem comunhão e por causa disso ele ia retornar uma nova oração naquele momento, porque Deus tinha mostrado a ele que aquele era o dia de eu ser selado, e ele não podia voltar pra casa dele sem cumprir a missão dele. Ele orou e tudo aconteceu como na primeira oração, Deus não apareceu com o dom e mais uma oração demorada e se encerrou, a segunda oração, e ao nos levantarmos da segunda ele disse: irmão temos que ter fé porque pela fé os antigos alcançaram a vitória. Ele citou algumas passagens de fé que nesse momento eu não lembro quais foram, mas disse que nós devíamos voltar para uma terceira oração, disso eu lembro. Ele disse: três são os que testificam no céu, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e na terceira oração Deus iria me selar. Aí como eu já estava cansado e sem querer ser deselegante com ele e pedir que ele se retirasse da minha casa, eu comecei, improvisando e imitando algumas palavras que eu ouvi na Congregação alguns irmãos falando, e eu sabia falar por ouvir os outros falando, tem linguagens que é fácil você imitar como canta canta alaia aí eu falei elas e ele ficou satisfeito da sua missão ter sido cumprida e eu fiquei feliz de ele ir embora (...). Agora imagina, porque existe na Congregação hoje a tal busca de dom, onde o irmão fala:

irmão aquele não é selado hoje busque que Deus vai te selar. E às vezes o próprio pregador esquece de falar dos outros dons, mas esse dom é um dom visto, de status, de mostrar o eu, sabe. Aí é onde começa a gritaria entendeu? E a semelhança com as igrejas pentecostais. É esquecido o chamado dom do entendimento, e parece que quem tem o dom do entendimento perde na busca do dom de línguas. É assim que eu penso.²³ (*grifo nosso*)

No relato de nosso interlocutor, que detalha uma de suas experiências com a busca pelo dom do Espírito Santo (glossolalia), a busca por esse dom em especial, inclusive com ritual específico para esta finalidade, como referido anteriormente, se remete a uma especificidade de busca pelo prestígio diante de seu Deus e diante de seus pares. Em sua interpretação do sagrado, encontramos a repulsa pela desordem promovida pela busca do dom de línguas. A explicação para essa oposição aos ‘outros’ pentecostais reside no fato de que eles não detêm o “entendimento” (referindo-se ao bom senso para julgar situações constrangedoras provocadas pelo excesso de barulho). Esta narrativa apresenta uma, dentre muitas outras concepções, acerca do não reconhecimento da CCB enquanto igreja evangélica pentecostal. A busca incessante pelo distanciamento de características presentes em outras denominações evangélicas evidencia o traço sectarista da CCB. E esse não reconhecimento das categorias a ela direcionadas possibilita a construção de futuros trabalhos dedicados a reflexão sobre os processos classificatórios das Ciências Sociais dos grupos religiosos.

Práticas e discursos religiosos e suas implicações para a saúde

Durante a hora e meia de duração do culto (em formato presencial), os fiéis participam de quatro momentos distintos, que são: os “louvores”, a “oração”, a “*testemunhança*” e, por último, a pregação da “palavra”. Em cada momento existem *scripts* pré-estabelecidos próprios para cada membro, dependendo de seu cargo. A postura corporal adquire um sentido particular, devendo ser monitorada para que haja “ordem e decência nos cultos”, pautados no texto bíblico inscrito na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 14, versículo 40. Nos cultos online, são suprimidos os momentos destinados a testemunhança, e reduzidos os louvores. A participação dos membros que ocorria de forma expressiva e voluntária em todos os cultos, sem exceção, agora é

²³ Entrevista concedida por Péricles Porfirio Santana dia 15 de outubro de 2021 em Juazeiro do Norte.

reduzida a expectativa em função dos cultos online. Os participantes passam a ser expectadores. Os agentes ativos são reduzidos a agentes passivos que observam de longe e não podem interagir com os demais.

A reconfiguração das práticas rituais nesse contexto de pandemia transformou e, em certa medida, impossibilitou de forma significativa a realização dos rituais religiosos, o que se tornou uma questão a ser investigada por pesquisadores do tema. No caso específico da Congregação Cristã no Brasil, objeto deste trabalho, percebemos, como resultado desta reconfiguração das práticas e ressignificação das ideologias, o enfrentamento por uma parcela dos membros às formas de contenção da síndrome, assim como à nova reconfiguração dos cultos, de presencial para online, e por conseguinte, a não realização dos batismos mensais, Santas Ceias anuais e o que mais causou insatisfação entre os fiéis que se afastaram da CCB, a não realização dos funerais tais como aconteciam antes da pandemia. Uma de nossas interlocutoras, Carolina Vieira Silva, casada, do lar, membro da CCB desde 1997, relata sua experiência:

Depois de tudo o que a gente passou (se referindo à morte de seu filho adolescente) não veio nenhum irmão do ministério aqui em casa. Por que era pra ter vindo. São um bando de sepulcro caído, que gostam de falar da vida dos outros, mas na hora que a gente precisa de uma visita, não vem um. Ontem mesmo passei o dia chorando aqui sozinha. Porque eu vou te dizer, nega veio, não foi fácil. Mas Deus já tinha me mostrado como era desde quando a gente morava em Fortaleza. Eu não sei se eu já falei pra você, mas quando a gente morava lá, a gente era caseiro da igreja e eu passei muita humilhação por causa disso. Se eu soubesse que era assim eu não teria nem batizado, não vou mentir, porque a gente batiza sem saber de nada, depois é que a gente vai vendo como é.²⁴

Em entrevista com cinco dos nossos colaboradores, ao interpelá-los sobre os funerais, encontrei similaridades nos relatos apresentados, corroborando com os sentimentos apresentados por Carolina ao nos relatar sobre seu posicionamento com relação às lideranças da CCB após a morte de seu único filho. O ritual do funeral é

²⁴ Entrevista concedida por Carolina Vieira Silva no dia 18 de novembro de 2021 em Juazeiro do Norte.

considerado o “desejo do coração de todo crente fiel²⁵”, é uma espécie de honra ao mérito, de reconhecimento público pela devoção e consagração durante todo o seu percurso enquanto cristão. “O funeral não é pra qualquer um não. Só pra quem guardar a fé, pra quem for fiel até o fim, pra quem rejeitar o pecado”²⁶. Nesse sentido, o ritual do funeral apresenta-se como marcador social de fidelidade, proporcionando prestígio não só ao membro falecido, mas à família enlutada, inclusive. “Se o crente não tiver funeral é uma prova de que ele pecou, se desviou do caminho e caiu na condenação. É uma tristeza e uma vergonha pra família e se isso acontece nem um irmão vai lá orar no funeral, é triste, ninguém quer isso”.²⁷

O rompimento dos laços ‘supostamente familiares, já que se consideram irmãos em Cristo’, repercute de forma negativa, como apresentado por nossa interlocutora que passa a ressignificar suas práticas e até a forma como administra sua fé. “No funeral, a gente vê o povo de Deus tudo ali, reunidos pra prestar as condolências à família ehonar o irmão que foi para a glória de Deus. Os que não tem funeral é por que fizeram coisas erradas e perderam o direito de entrar no céu”²⁸. Estas palavras legitimam a doutrina e as práticas da CCB que assumem uma postura excludente, apontando o discurso da condenação como forma de enquadramento dos membros às suas ideologias. “Meu sonho é que o meu funeral seja como o do irmão Gilson²⁹ e tantos outros que encheram o anjo da guarda, tinha uma multidão fazendo fila pra se despedir do servo de Deus que era muito amado, e pra mostrar seus sentimentos pra família dele”.³⁰

²⁵ Entrevista concedida por Carolina Vieira Silva no dia 22 de novembro de 2021 em Juazeiro do Norte.

²⁶ Entrevista concedida por Carolina Vieira Silva no dia 23 de novembro de 2021 em Juazeiro do Norte.

²⁷ Entrevista concedida por Carolina Vieira Silva no dia 23 de novembro de 2021 em Juazeiro do Norte.

²⁸ Entrevista concedida por Carolina Vieira Silva no dia 30 de novembro de 2021 em Juazeiro do Norte.

²⁹ Em julho de 2020, em pleno auge da pandemia, Gilson, membro da CCB, com aproximadamente 37 anos de idade, foi vítima de latrocínio durante a realização de um serviço em uma residência no bairro Pirajá. Era uma pessoa muito carismática, prestativa e generosa e sua morte repentina trouxe muita indignação, não apenas para seus irmãos em Cristo, mas em grande parcela da população Juazeirense. O Fato repercutiu nas rádios locais e a comoção foi grande. O centro de velório Anjo da Guarda não comportava o número de pessoas que se fizeram presentes no funeral, mesmo estando em período de isolamento social formaram-se filas enormes para se despedir do amigo, irmão e companheiro de todas as horas.

³⁰ Entrevista concedida por Carolina Vieira Silva no dia 01 de dezembro de 2021 em Juazeiro do Norte.

Paralelo à legitimação de práticas excludentes, que repercutem em enfrentamento carregado de revolta como o relato acima citado, ocorria o contágio acelerado da população juazeirense. Os postos de testagem espalhados pela cidade estavam diariamente lotados, as Unidades de Pronto Atendimento não tinham leitos disponíveis, o Hospital Regional, situado na cidade, também não dispunha de leitos disponíveis e a crise foi se intensificando. O pânico de perder um familiar deixava os membros da Congregação questionando até mesmo sua fé, o que tornava o campo propício a revoltas e cisões. Elisiane do Nascimento nos fala um pouco sobre sua experiência traumática ao seu esposo ser acometido pela Covid-19 em maio de 2021, principalmente por ele ter sido dependente químico antes de sua adesão à CCB e em virtude de seu consumo de entorpecente teve problemas pulmonares e complicações associadas à síndrome:

Quando ele fez o teste já chegou abatido pelo resultado positivo do teste. Eu ainda não estava apavorada, mas ele já estava apavorado. No sexto dia ele começou a não sentir mais o sabor da comida, não queira comer, quando foi no oitavo dia foi tomar um banho e não aguentou, ficou com falta de ar (...) eu chamei um uber e foi pra upa. (...) Aí eu tenho um problema de ansiedade e gerou a síndrome do pânico e comecei a passar mal e me levaram pra casa porque eu não suportei. (...) Aí começou nossa aflição. Todo dia eu estava lá querendo saber notícia e o quadro dele só piorava aí a gente todo dia só tinha notícia de que era morrendo gente, morrendo gente, morrendo gente, e aí teve um dia que o doutor disse que ele tinha que fazer fisioterapia. Aí além da preocupação com a saúde dele tinha a questão financeira. Eu me desesperei (...) A pessoa ficava em crise de pânico realmente porque o quadro dele não melhorava. Ele fazia a gasometria e o oxigênio sempre estava baixo e isso já com quinze dias ele internado. (choro) teve um dia que eu fui falar com o fisioterapeuta e ele disse que Flávio estava estável, ele nem melhora nem piora, a máquina de VNI não estava dando resultado. Se ele estivesse no Regional vocês não estavam pagando fisioterapia, mas aqui tem que pagar e o capacete que tem lá ajudaria ele a se recuperar. (...) eu estava em tempo de enlouquecer (...) e isso eu sozinha

porque nem os parentes vinham fazer nem uma visita com medo de eu pegar e eles pegar de mim. Era como se minha fé desfalecesse e minha fé se acabasse. (...) eu só chorava e chorava (...) e não vinha ninguém nem pra fazer um chá.³¹

Durante a entrevista com nossa interlocutora, observamos a presença de categorias emocionais diretamente relacionadas à relação entre seu pertencimento religioso e os *scripts* de cada sujeito religioso. Uma vez que existe uma ação esperada em determinada ‘situação’ e o agente incumbido de desempenhar essa ação se nega a tal prática, provoca uma reação em cadeia que, em muitos casos, culmina com o afastamento do membro, que esperava a ação e consequentemente com o comprometimento na coesão do grupo.

Oro (1996) aponta que impera a busca pelo contato direto com o divino e a exaltação do milagre, neste caso em particular, impera a presença do outro enquanto instrumento de Deus capaz de propiciar a efetivação da benção. Neste sentido, “a expressividade emocional [...] pode ocorrer de forma mais direta e profunda, na expressão dos sentimentos através de lágrimas, risos, abraços, estados de transe e êxtase, ou de forma mais atenuada e sutil, em que a emoção parece estar mais domesticada” (ORO, 1996, p. 106). Para todos os efeitos, apresenta-se como uma experiência ‘quente’, envolvente [...], tendo em vista que estimula os sentimentos das pessoas.

Como problema religioso, o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota perante o mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável – sofrível, se assim se pode dizer (GEERTZ, 1989, p.119).

A ausência da irmandade nesse contexto, em que são construídas expectativas de um grupo com fortes relações de amizade, que por vezes são confundidas ou equiparadas com relações familiares e, portanto, ‘sólidas’ e ‘duradouras’, reverbera na frustração que acomete os membros que não se sentem acolhidos enquanto parte da ‘família’, acionando diversos dispositivos que levam o sujeito a questionar seu pertencimento religioso e até mesmo sua fé. A noção de dispositivo, quando aplicada às

³¹ Entrevista concedida por Eliziane do Nascimento Ribeiro no dia 05 de julho de 2021 em Juazeiro do Norte.

formas de subjetivação do corpo, refere-se a sistemas ou estruturas que exercem influência na maneira como os corpos são percebidos, experimentados e compreendidos dentro de um determinado grupo social. Esses dispositivos não são apenas objetos físicos, mas incluem também práticas, discursos, instituições e tecnologias que moldam a subjetividade e a identidade dos sujeitos. Esses dispositivos não apenas impõem limites físicos, mas também influenciam a maneira como pensamos sobre nós mesmos e sobre os outros.

Vale destacar que estamos direcionando nosso olhar para os problemas ordinários de pessoas religiosas e suas implicações para esfera pública, especialmente aqueles concernentes à saúde que se relacionam com os problemas emocionais e financeiros. De acordo com Celso Gabatz:

Em um contexto social no qual se vislumbra uma incapacidade emergente para a regulamentação, a convivência humana também reflete com desenvoltura a busca por autonomia. Neste sentido, se por um lado, a religião pode ser uma explicação insuficiente acerca do sofrimento, por outro, é capaz de fundamentar a interação social através da explicação dos sentidos que delimitam o sofrimento e indicam caminhos de busca por equilíbrio (GABATZ, 2017, p. 64).

A suposta irmandade passa a ser questionada, quando há a ausência dos membros em ocasiões indispensáveis, como é o caso dos momentos fúnebres, de enfermidades, e em ritos de passagem. Essa relação de sociabilidade exige a afirmação da irmandade que é estabelecida entre pares em que são pré-estabelecidos roteiros norteadores das ações e precursores da própria noção de pertencimento.

A respeito do pertencimento, em outra ocasião, também em situação de entrevista, ao conversar com uma auxiliar da porta, em sua casa e na presença de uma de suas filhas, a qual batizou-se na CCB e depois de alguns anos passou a fazer parte da Assembleia de Deus, sobre como ela se sentia ao participar dos cultos online, assinalou: - “Eu não sinto a presença de Deus”, evidenciando que a presencialidade nos cultos é fundamental para alcançar o objetivo da adoração. Perguntei-lhe a seguir como é sentir a presença de Deus, e ela me disse: - “Você não sabe como é?!” Os olhares direcionados para mim me deixaram um pouco constrangida. Esses momentos de embaraços pelos quais passei serviram para me ajudar a pensar sobre a forma que sou percebida pelos meus interlocutores, sobre como me veem e o que esperam de mim. A forma pela qual

elas haviam me interpretado não correspondia naquele momento ao que se lhes apresentava, e isso gerou uma situação dissonante.

Erving Goffman (2002), em seu artigo intitulado “A situação negligenciada”, trata sobre as formas pelas quais se operam as situações sociais, enfatizando a necessidade de se considerar todo o cenário que compõe uma “situação”, e não somente as conversas estabelecidas com interlocutores. Para Goffman, devemos levar em consideração a articulação entre comunicação verbal, comunicação não-verbal, os “enquadramentos” que conferem sentido a um enunciado, o cenário, os sujeitos em interação, enfim, a forma pela qual essas e outras variáveis estão diretamente relacionadas às atribuições de sentido em uma situação social. Goffman (2002, p. 17) define uma situação social como: “(...) um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que o indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante.”

Essa abordagem trabalhada pelo autor me ajuda a pensar sobre o constrangimento que senti, e o estranhamento que causei em minha interlocutora com minha pergunta, durante a situação citada acima. Era suposto, do ponto de vista dela, que nós partilharíamos de um mesmo conhecimento/experiência. Dentro da situação, esse tipo de pergunta não era lícita. Enquanto eu tentava enquadrar a conversa como uma ‘entrevista’, em que minha interlocutora possuiria informações desconhecidas para mim, ela enquadrava nossa conversa como um diálogo entre duas pessoas que deveriam partilhar uma experiência religiosa similar. Foi esta divergência de enquadramentos que, nesta situação, dificultou a comunicação entre nós.

Quando estamos a falar sobre as experiências vividas das pessoas, estamos criando modelos analíticos que estão relativamente distantes da experiência. De acordo com Batson (1996, p. 62-64), estamos a criar metáforas pra falar do sacramento alheio. O que para os fiéis é compreendido como algo real, experiencial, intrínseco a seu ser, é metaforizado pelo pesquisador que observa de fora, que não compartilha dos sistemas de significados do grupo.

A doutrina estabelecida pela CCB preconiza que os seus membros, ao adentrem aos templos, saúdem-se com ósculo, sempre considerando o devido distanciamento entre homens e mulheres, haja vista que pessoas de sexos opostos não podem saudar-se com ósculo. Procedimento que deve se repetir ao término das celebrações. A participação nesses ajuntamentos é uma condição necessária para o fiel que reestabelece suas forças e fidelidade no alimento diário oferecido nas Congregações por meio da palavra revelada e exortada pelo pregador cheio do Espírito Santo. A impossibilidade de estar congregado e de cumprirem com seu tradicional ritual devido aos decretos de isolamento trouxeram

revoltas e dissensões entre aqueles que reconheciam um potencial para o desastre espiritual.

Geertz nos mostra que o meio social desempenha um papel modelador, capaz de inclinar as pessoas a uma forma particular de comportamento e apreensão da realidade. Segundo Geertz:

O homem não pode ser definido nem apenas por suas habilidades inatas, como fazia o iluminismo, nem apenas por seu comportamento real, como o faz grande parte da ciência social contemporânea, mas sim pelo elo entre eles, pela forma em que o primeiro é transformado no segundo, suas potencialidades genéricas focalizadas em suas atuações específicas. É na carreira do homem, em seu curso característico, que podemos discernir, embora difusamente, sua natureza e apesar de a cultura ser apenas um elemento na determinação desse curso, ela não é o menos importante. Assim como a cultura nos modelou como uma espécie única — e sem dúvida ainda nos está modelando — assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum — nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido (GEERTZ, 1989, p. 37-38).

A forma como a religião é vivida por membros da Congregação Cristã, acarreta posicionamentos de resistência frente às orientações sanitárias em função da Covid-19. Por estarmos lidando com uma instituição religiosa em que foram criados e reforçados pontos doutrinários³² decisivos, nesta cosmovisão, na obtenção da salvação (entre os quais estão: o distanciamento de práticas mundanas, o não uso de meios de comunicação de massa para divulgação de cultos, evangelização e/ou marketing institucional) os quais foram ensinados pelos dirigentes, apreendidos e interiorizados pelos membros, torna-se imperiosa a ressignificação de certas práticas e concepções sobre tais doutrinas. Um de nossos interlocutores, Pedro Erick, casado com uma organista, graduado, servidor público, atualmente com 43 anos de idade, membro da CCB desde 1998, encarregado de orquestra e evangelista, aponta que, apesar de haver

³² CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Estatuto*. São Paulo: Edição 2013.

uma consonância entre os decretos estaduais e municipais relacionados à contenção da doença, existem dissonância entre um grupo e as orientações ministeriais.

O ministério tenta de certa forma seguir as leis sanitárias e nos orientar em como proceder tanto que foram fechados os templos em todo o mundo e os cultos passaram a ser de forma online, basicamente tentando manter o distanciamento por conta do vírus ser de fácil transmissão e não seria saudável a igreja manter seus membros se reunido como era o normal e isso traria um grande problema não só para a igreja mas para a população nós seríamos vistos pela sociedade como um problema de saúde pública. Eu sou a favor do distanciamento como vem sendo feito apesar de alguns dos membros, como é o caso irmão Nito que encabeçou aí uma revolta contra esses cultos online que segundo ele foge da tradição que a Congregação tinha que se manter, e muitos dos irmos de forma simplória seguiram esse pensamento fazendo reunião em casa de forma ilegal e ajudando com que o vírus se propagasse. Tanto que nós entramos em divergência tentamos mostrar pra eles que eles estavam errados que nós deveríamos seguir o que era dito pelos órgãos de saúde pública, mas eles foram duros em entender o que estava em jogo e muitos se desviaram da igreja, perderam ministérios e nós os rotulamos como Nituanos, é tipo uma brincadeira, uma ironia, mas os irmãos dizem: olha cuidado com os Nituanos, aí o rótulo pega e eles próprios passam a se reconhecerem como tais. Outros que também estão contra o isolamento não se reconhece, é uma questão individual de cada um tanto que outros que faziam parte dos Nituanos se arrependeram e voltaram para a Congregação. Outros se mantêm firme no seu pensamento de não aceitar o culto online porque na cabeça deles, Deus é o protetor de todos os males e, como eu ouvi de um deles, se uma serpente morder, o veneno da serpente não faz mal ao servo de Deus e esse vírus veio para separar os fiéis dos infiéis. Mas na verdade o que eu vejo é pura ignorância.¹⁸¹

De fato, existe uma resistência à ideia de atribuir outro significado às práticas internalizadas. Segundo Gabriel Peters (2017, p. 6). “Os significados (inter)subjetivos que os atores atribuem aos seus ambientes sociais não são meros “apêndices” de sua conduta, mas fatores decisivos na produção de suas práticas (e, portanto, dos processos pelos quais a vida societária se reproduz e/ou se transforma)”. Percebemos isso ao adentrarmos ao campo de pesquisa em pleno auge da Covid-19 e nos depararmos com grupos de pessoas que desconsideraram a necessidade de distanciamento, assim como as demais orientações relacionadas ao controle e contenção da doença.

Esse posicionamento, que apesar de grupal, tem um caráter singular, na medida em que identificamos o caráter religioso envolvido, repercutiu negativamente na vida dos praticantes, tanto na manutenção de relações interpessoais, que passaram a se restringir, quanto na própria esfera religiosa, na medida em que os participantes e simpatizantes com tais práticas foram sendo destituídos de seus cargos.

Considerações finais

Ao iniciar este trabalho enfrentei algumas dificuldades que fizeram com que me questionasse a respeito de minha atuação enquanto pesquisadora que realiza sua pesquisa “em casa”. Alguns desencontros de vozes se fizeram presentes no decorrer desta empreitada, em busca da compreensão da relação entre presencialidade e práticas rituais online, isso porque categorias acadêmicas são incapazes de expressar as experiências vividas pelos sujeitos sociais dentro de um determinado cenário simbólico.

Logo, diante de uma sociedade plural que está em constante transformação, com o surgimento de diversas ramificações religiosas (muitas delas originadas de cismas), é gritante a necessidade de discussões acerca do que seriam os valores cristãos atuais; o questionamento acerca das expectativas da sociedade a partir dos valores essenciais construídos pela ascensão da esfera religiosa nas mais diversas instâncias sociais e suas relações com as transformações globais.

Ao pensar a religião como um dispositivo, evocamos a ideia de que as crenças e práticas religiosas modelam a percepção dos indivíduos a respeito das sociais vigentes, de forma a garantir a manutenção da sua cosmologia, cosmovisão e da própria ordem social mesmo diante das transformações inerentes ao próprio campo religioso. A compreensão é que este dispositivo, composto por um conjunto de elementos dispersos, sem aparente coerência explícita necessária, respondeu diretamente a um contexto de emergência sanitária global de maneira específica e redefiniu as práticas religiosas nesta denominação cristã. Por isso, consideramos que a experiência analisada da CCB demonstra que a história recente deste grupo religioso é uma ferramenta analítica avessa

ao universal, alheia ao atemporal, contudo útil na compreensão sócio-histórica da relação do indivíduo religioso com a sociedade a que pertence em um contexto histórico de emergência sanitária.

Concluindo esta pesquisa, compreendemos que as pessoas que assumem uma identidade religiosa usufruem a sensação de estar agindo, vivendo, praticando algo, concretizando ações que repercutem em suas vidas. Elas conseguem articular suas convicções (que estão no plano das ideias), com a sua vida ordinária de forma a torná-las coerentes e significativas. Essa articulação precisa se efetivar concretamente de forma ativa, participando, coabitando, congregando juntos, “sofrendo com os que sofrem e se alegrando com os que se alegram”, interagindo face a face.

O afastamento temporário dos rituais presenciais culminou com o desligamento de uma significativa parcela dos membros da CCB durante a pandemia por Covid-19, assim como o questionamento, por parte dos membros, a respeito da atuação dos líderes da igreja, antes não questionados, principalmente no que se refere às práticas tradicionais. Uns por não legitimarem os cultos online, outros por “perderem as forças” por não estarem congregados e outros por realizar uma análise crítica e reflexiva sobre a atuação política-empresarial identificada na liderança da CCB.

Referências

- AZEVEDO, Israel B. de. *A Celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1996.
- BATSON, Gregory. *Metadiálogos*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Estatuto*. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil, 2013.
- FOUCAULT. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Albuquerque, 15 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1994, p. 67-159.
- GABATZ, Celso. *O neopentecostalismo e a teologia da prosperidade no Brasil: aspectos de uma identidade religiosa e social na contemporaneidade*. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2017.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCESZ, Pedro M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

- HAMNER I, et al. *High SARS-CoV-2 Attack Rate Following Exposure at a Choir Practice — Skagit County*, Washington, March 2020. *MMWR Morb Mortal Wkly Rep.* 2020; 69: 606-10.
- MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, n. 49, 2002.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MONTERO, P. & ALMEIDA, R. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. In: RATTNER, H. (org.). *Brasil no limiar do século XXI. Alternativas para a construção de uma sociedade sustentável*. São Paulo: EDUSP & FAPESP, 2000.
- NOVAES, R. A divina política: notas sobre as relações delicadas entre religião e política. *Revista da USP*. São Paulo, 49, p. 60-81, Março-Maio, 2001.
- OLIVEIRA, Leandro de. Fazendo etnografia: trabalho de campo e trabalho de escrita. In: CORDEIRO, Domingos Sávio (Org). *O trabalho do pesquisador: introdução aos procedimentos de pesquisa em Sociologia*. Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013.
- ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- OPAS/OMS. *Relatório do Programa de saúde pública veterinária sobre o cumprimento das orientações estratégicas e programáticas da repartição sanitária pan-americana, 1999-2002*. Washington, DC, 2003.
- OPAS/OMS. *O apoio da OPAS ao Brasil durante a pandemia de Covid-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/apoio-da-opas-ao-brasil-durante-pandemia-covid-19>. Acesso dia 02/09/2021.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.
- PETERS, G. “Anthony Giddens: a dualidade da estrutura”. In: SELL, C.E.; MARTINS, C.B. *Teoria Sociológica contemporânea: autores e perspectivas*. São Paulo, Annablume, 2017.
- PIERUCCI, A. F. O.; PRANDI, J. R. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. *Opinião Pública*, 3 (1), p. 20-43, Junho, 1995.
- SILVA, Eliane M. Entre Religião, Cultura e História: a escola italiana das religiões. *Revista de Ciências Humanas de Viçosa*. V. 11, n. 2, p. 225-234, 2011.
- SILVA, A. F. Antropologia e saúde pública no contexto de emergência sanitária global: uma perspectiva crítica latino-americana. *Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde*. Santa Cruz do Sul, 3(4):171-178, out/nov. 2020.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.